

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 296
20 de junho de 2015

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos. Sejam bem-vindos.

Hoje eu quero dar mais um exemplo dessa técnica de analisar um acontecimento da atualidade, algum debate que esteja em curso na sociedade no momento, de uma maneira abrangente, de modo que você situe isso dentro do quadro geral da vida humana, de acordo com os cânones mais elevados de seriedade intelectual possíveis. Isso é uma coisa absolutamente fundamental em todos os debates públicos, porque são justamente esses debates que constituem, por assim dizer, os “olhos e ouvidos” da sociedade. As pessoas pensam e se orientam através do que elas ouvem ser discutido em público, de modo que, se o nível desse debate cai para a pura fantasia, ou verborrêia, todos ficam perdidos. E onde todos ficam perdidos, todos ficam com medo, nervosos, todos se sentem muito mal e todo mundo é muito infeliz.

Até quando se fala em “elevar o nível do debate”, as pessoas pensam que é discutir mais educadamente, ser mais bonzinho, ser mais polido. Isso já é amostra do que estou dizendo. Onde se entende, por debate elevado, aquele que se pode fazer na presença de senhoras de idade, sem que elas fiquem chocadas, então está realmente tudo perdido. Quando se está falando em elevar o nível dos debates, é do nível de exigência intelectual e cognitiva que se trata. Isso é para que as questões possam ser encaradas tal como elas são na realidade e não apenas por meio de símbolos verbais imantados de conotações emocionais apelativas — como é em quase todos os debates.

O exemplo mais claro dos últimos tempos é o debate sobre a questão da maioridade penal. Maioridade penal é uma noção que se baseia na noção de maioridade legal. A maioridade legal é uma convenção cronológica que se acredita demarcar duas fases da vida, a fase da maturidade e a fase da imaturidade. Essa noção, portanto, é apenas a formalização jurídica de uma noção psico-biológica, que é a noção de maturidade. Falar em maioridade sem referência à questão da maturidade é falar sobre o nada. Então, assim é que se ouvem essas expressões: quando se fala em maioridade penal, isso evoca, na cabeça de certas pessoas, um instrumento mágico de defesa contra a criminalidade e, a outras pessoas, evoca a discriminação dos pobrezinhos. Mas a noção da maioridade nada tem a ver com a criminalidade, nem com a discriminação das classes menos favorecidas. Tudo isso aí é uma aura emocional em torno das palavras, de modo a evitar a referência à questão substantiva, que é a questão da maturidade.

A questão da maturidade não pode entrar em discussão, porque a imaturidade das pessoas colocadas nos mais altos postos se tornou não somente um direito, mas quase uma obrigação. Não me refiro somente aos governantes, mas sobretudo aos formadores de opinião, aos

intelectuais, aos professores universitários, aos “opinadores” da mídia etc. Para exemplificar isso, eu vou ter de voltar a umas aulas atrás e reler um texto que já li aqui para vocês, mas do qual eu fiz uma continuação. Para refrescar a memória, vou ler tudo de novo.

Uma das melhores maneiras de aferir a maturidade de uma pessoa é ver em que medida ela está consciente do seu impulso sexual, de como esse impulso sexual se canaliza dentro da sociedade e se transmuta em ações e condutas. A incompreensão pueril da sexualidade é uma marca infalível em todas as pessoas que são imaturas nos demais assuntos também. Se o sujeito não é maduro nisso, que é uma coisa de interesse imediato e que corresponde a uma experiência sensível acessível a todo mundo, ele não vai ser maduro em mais nada: não vai ser um grande jurista, nem um grande cientista. É claro que nunca vai chegar à maturidade a pessoa que não meditou pelo menos sobre isso e não é capaz de distinguir diferentes aspectos da experiência sexual.

Eu escrevi essas notas¹ tomando como epígrafe a sentença de Shakespeare: “*Ripeness is all*” (“Maturidade é tudo”). Lembrem-se da exigência que Aristóteles fazia para os filósofos, que o filósofo fosse antes de tudo um *spoudaios*, quer dizer, um homem maduro, senhor de si, capaz de entender o que ele mesmo está fazendo, capaz de julgar objetivamente as suas próprias ações dentro do contexto social e também, portanto, as ações alheias. O texto é o seguinte:

Em praticamente tudo o que leio e ouço a respeito de sexo, desejo e amor, reina a mais tosca e pueril indistinção entre as experiências mais diversas associadas a esses termos, quase sempre tomados como sinônimos.

No seu nível mais imediato e fisiológico, o desejo é um fenômeno puramente interno, produto da química hormonal sem objeto definido e que, por isso mesmo, pode ser em seguida projetado sobre qualquer objeto real ou imaginário. É uma pura urgência fisiológica, um “desejo de gozar” que aparece sem a necessidade de nenhum excitante externo e pode ser satisfeito por mera fricção mecânica da genitália – masculina ou feminina.

Todo mundo que já acordou sexualmente excitado sabe do que estou falando. Não há um objeto excitante que o tenha provocado, não há absolutamente nada. É o jogo interno do organismo que produz isso.

Bem diferente é o desejo despertado pela visão direta ou indireta de um objeto, de um corpo desejável. (...)

Neste caso o indivíduo não está naturalmente excitado, ao contrário: ele tem um excitante externo. Esse excitante externo o atrai e ele fica excitado. É exatamente o processo inverso. Ou seja, confundir as duas coisas já é coisa de imbecil.

(...) Invariavelmente o fator excitante é aí algum traço sexual secundário ao qual o sujeito seja particularmente sensível: peitos, traseiros, pernas, olhos etc. Este é o nível que corresponde tecnicamente à noção escolástica da *concupiscentia*. (...)

A concupiscência é despertada por um objeto. Se não há objeto, não há concupiscência. Ninguém pode cobiçar o nada. No caso anterior, do desejo que surge naturalmente dentro do organismo, não há concupiscência alguma. O sujeito não está desejando nada, é apenas um impulso interno.

¹<http://www.dcomercio.com.br/categoria/opinioao/sexologos-mirins-i>

(...) Comentários de garotões de praia ante as transeuntes que lhes parecem gostosas são uma enciclopédia das expressões verbais que manifestam esse tipo de desejo.

Num terceiro nível o desejo não é despertado por nenhuma característica física mais saliente, mas por uma impressão geral, indefinida e não-localizada de beleza ou charme, quase uma aura mágica em torno do objeto desejado.

O sujeito vê uma garota atraente. Ele não sabe dizer exatamente o que o atrai a ela. Não é perna, não é traseiro, não é nada, é ela. E ele sente, então, essa atração. Isso é um fenômeno que não se reduz aos dois anteriores, embora os abranja. Quer dizer que, se não existisse o desejo espontâneo do organismo, também não existiria a atração por um objeto; se não existisse atração por um objeto, não existiria atração por uma pessoa.

Logo acima disso vem a paixão, o enamoramento, o *coup de foudre* que torna o objeto uma presença obsessiva² na mente do apaixonado. Esta emoção é repleta de ambigüidades. Traz invariavelmente³ consigo a ansiedade, o medo da rejeição, e aciona um conjunto de mecanismos psicológicos de defesa contra a frustração possível.

Nesse nível o enamorado está sempre nervoso. Ele teme ser rejeitado, perder a sua amada, “ser passado para trás” por um concorrente etc. É uma situação em que o mais intenso sonho de felicidade coexiste com uma angústia extrema.

Vencidas essas ambigüidades, o enamoramento pode se consolidar num sonho conjugal, o anseio de ter a pessoa amada ao nosso lado para sempre. Neste nível o desejo assume tons de um valor moral, destinado a manifestar-se na aceitação comum de sacrifícios para o benefício mútuo, para a criação de uma família, para a aceitação de responsabilidades sociais etc. (...)

Esse nível tem um elemento que não tinha no anterior, que é esse elemento moral. O puro enamoramento se conduz a esse desejo de uma ligação permanente. Ele adquire, então, aos olhos do personagem um valor moral. Isto é, o personagem não está apenas atendendo a um anseio que é dele, mas está fazendo algo que é bom — que é bom para ele, para a pessoa amada, para os filhos, para a família etc.

(...) A resistência maior ou menor às dificuldades pode levar a resultados que vão desde a criação de uma família estável até uma variedade de desastres conjugais.

Só no topo da experiência conjugal com todas as suas ambigüidades é que pode, no entanto, surgir o verdadeiro e genuíno amor, no sentido pleno da palavra, que é o impulso firme, constante e irrevogável de tudo sacrificar pelo bem da pessoa amada, de perdoar sempre e incondicionalmente os seus defeitos e pecados, de protegê-la de todo mal e de toda tristeza, ainda que com o risco da nossa própria vida, e de conservá-la ao nosso lado como o nosso bem mais precioso, não só nesta existência terrestre, mas por toda a eternidade.

Nesse último nível o sexo propriamente dito perdeu toda a energia autônoma e, ou é esquecido, ou passa a desempenhar um papel ocasional e modesto entre mil e um modos diversos de expressar o amor.

Cada um desses níveis engloba e transcende o anterior, e só quem passa à fase seguinte compreende o que estava em jogo na⁴ anterior.

² No texto publicado no diário do comércio, foram adicionados, após o vocábulo “obsessiva”, os vocábulos “e insubstituível”.

³ No texto publicado no diário do comércio, o vocábulo “invariavelmente” foi substituído por “inevitavelmente”.

⁴ No texto publicado no diário do comércio, foi adicionado, após o vocábulo “na”, o vocábulo “fase”.

Aqui faço um “parêntese” filosófico da mais alta importância. Existem vários tipos de raciocínio dialético que se pode fazer. A famosa tríade de Hegel — tese, antítese e síntese — é só uma delas. Quando se está falando de um processo temporal, no qual o sujeito do processo permanece o mesmo, a dialética não é de tese, antítese e síntese, mas é de abrangência e englobamento. Quer dizer, um elemento, que antes era o centro do processo, torna-se o elemento periférico de um outro quadro, no qual ele se integra e continua a existir com outra função. São raciocínios dialéticos muito diferentes daquele raciocínio de tese, antítese e síntese e que se aplicam sobretudo nos casos em que o sujeito do processo permanece o mesmo. Por exemplo, pode-se ver a expansão de um império: o império tem uma unidade geopolítica e ele se expande englobando outros elementos. Pode, por exemplo, invadir e tomar certas regiões circunvizinhas, destruir certas culturas, ou integrá-las em si, e assim por diante. Isso quer dizer que todos os elementos que são englobados não desaparecem, eles continuam dentro de outro elemento, mas com outra função. Esse é o caso, por exemplo, da teoria das camadas. Na teoria das camadas, o sujeito permanece o mesmo, é a mesma pessoa ao longo de toda a sua vida. Então não é um processo de tese, antítese e síntese, mas um processo de abrangência e englobamento.

O impulso sexual primário é uma pura agitação interna do organismo, uma mera urgência fisiológica que aparece sem a necessidade de nenhum excitante externo [...].

Esse impulso – a libido – é uma energia sem alvo: (...) ⁵

Isso é uma coisa fundamental. O sexo não vem com um objeto determinado. A coisa aparece realmente como uma agitação interna do próprio organismo e a tendência dele é grudar-se em algum objeto. Mas ele não vem com o objeto.

(...): não vem com nenhum objeto definido, mas tem de encontrá-lo e fixar-se nele com a ajuda da emoção imaginativa, seja estética (níveis III e IV), seja moral (níveis V e VI).

Isso quer dizer que é sobretudo a percepção e a imaginação que guiam o sexo. Na primeira transição, o sujeito tem de ver um objeto excitante e esse objeto o atrai. Então não é o desejo que guia a visão, mas é a visão que guia o desejo — isso é importante. Tem-se de conhecer o objeto, ou o imaginar, para que o desejo seja despertado. O sexo é como se fosse um motor, a percepção e a imaginação são como se fossem o piloto do carro: elas dirigem para onde o “carro” vai. A busca do objeto é um elemento constante da “história da sexualidade humana”. Esse objeto pode se tornar cada vez mais específico. Também pode haver confusões na escolha do objeto, ou objetos que sejam ilusórios — que parecem uma coisa, e sejam outra. Tudo pode acontecer. Mas o essencial é que o guia da sexualidade é a percepção e, sobretudo, a imaginação, aqueles elementos da percepção que se integram na memória e podem ser repetidos. É isso que determina para onde irá o desejo.

E essa emoção imaginativa é, em primeiro lugar, estética nos níveis III e IV. No nível II não se pode falar ainda de uma emoção estética, ainda se está no nível da fisiologia e dos reflexos condicionados. Quando já não é mais um aspecto qualquer da aparência corporal que chama a atenção e desperta o desejo, mas sim uma pessoa inteira, então já há um elemento estético, um elemento de fascínio pela beleza. E nos outros níveis, a partir do momento que se fala do sonho conjugal e da busca do amor mais permanente, trata-se evidentemente de uma imaginação de ordem moral.

⁵ Esse trecho e os trechos textuais citados a seguir foram publicados em outro artigo, complementar ao anterior, publicado em <<https://dcomercio.com.br/categoria/opiniao/sexologos-mirins-ii>>

O impulso sexual permanece mais ou menos o mesmo ao longo de toda a vida de um indivíduo. É como um motor que, por si, não determina o rumo do veículo, mas depende, para isso, de um piloto capaz de enxergar o terreno e escolher os trajetos.

A progressiva fixação do impulso nos sucessivos objetos não o modifica em nada, apenas o integra em funções diferentes conforme o objeto que a emoção imaginativa lhe oferece vai se tornando mais sutil, mais rico e mais complexo.

Vai se tornando sobretudo mais definido. Isso quer dizer que a imaginação limita o desejo e o especifica — tem-se desejo disso e não daquilo —, ao passo que no começo era um desejo indefinido e, portanto, geral. O desejo se torna tanto mais intenso, quanto mais ele se limita a algo e se especifica.

A escalada de seis níveis está, em princípio, ao alcance de todos os seres humanos, mas qualquer um está sujeito a voltar a uma fase anterior, sobretudo se não logra encontrar ou possuir o novo objeto que o atrai para um “salto evolutivo” da consciência e para um novo e mais elevado patamar da experiência erótica.⁶

É evidente que só quem percorreu o trajeto inteiro está habilitado a formar uma visão abrangente e objetiva da experiência sexual, que os outros só enxergam de maneira parcial e subjetivista – não raro solipsista – (...)

A visão da pessoa a esse respeito é condicionada ao patamar de desejo que ela tem naquele momento. Então, para ela, o sexo é aquilo. Ela não compreende a experiência inteira, ela só compreende aquilo que a afeta. Para se chegar a uma visão abrangente do fenômeno sexual, é preciso ter percorrido os seis níveis e chegado ao nível máximo. Assim se pode olhar o trajeto inteiro e dizer que a experiência sexual é aquilo. Ou seja, tem um elemento autobiográfico na visão obtida. Uma pessoa que não chegou a isso não pode evidentemente dar nenhum palpite válido sobre sexualidade. Ela não saberia do que estivesse falando. Estaria apenas expressando desejos, emoções e necessidades subjetivas dela, aos quais daria o valor de descrição objetiva da realidade. Isso, porém, seria pura fantasia.

Infelizmente, este último é o caso da maioria dos “formadores de opinião”, universitários ou midiáticos, que se oferecem gentilmente para modelar a vida sexual alheia segundo a medida do seu próprio subdesenvolvimento existencial. Muitos não se contentam com isso e fazem da sua própria consciência atrofiada um critério de moralidade com base no qual julgam e condenam o que não compreendem.

Um exemplo característico é a tendência ou vício [ou astúcia] de chamar⁷ “amor”, indiscriminadamente, toda e qualquer expressão do desejo sexual. (...)

Hoje isso é quase obrigatório. Ao se tratar de sexo, deve-se dizer “amor”.

(...) Nessa perspectiva, é fácil condenar qualquer restrição às práticas sexuais mais grosseiras como um atentado contra o “amor”. (...)

Porque o amor é oferecido como um valor supremo. Ele vem com o prestígio de um valor supremo e até de um valor evangélico. Isso quer dizer que qualquer limitação que se imponha a qualquer prática sexual passa a ser considerada um atentado contra o amor, quase como um atentado contra Deus.

⁷ No artigo publicado o vocábulo “chamar” foi substituído pelo vocábulo “denominar”.

Aluno: A própria expressão “fazer amor” é uma usurpação?

Olavo: Certamente. A própria expressão “fazer amor” já denota isso.

(...) Mas é evidente que o termo “amor” só é cabível quando se fala do terceiro nível para cima.

Nos primeiros dois níveis, está-se falando de reflexo condicionado apenas, não há um objeto definido. E, quando você passa para o segundo nível, onde há uma característica sexual secundária qualquer (um peito, uma perna) que o atrai, é claro que não é amor, porque é um reflexo condicionado acionado pela visão de uma coisa, e não de uma pessoa — do aspecto de uma pessoa, e não da pessoa inteira. Você não pode amar o pé de uma pessoa, nem a bunda dela. Ou você ama a pessoa, ou não ama nada. Se você gosta disso ou gosta daquilo, é evidente que não é amor, é apenas um reflexo condicionado que se ligou a algo.

No primeiro estamos no reino da pura fisiologia, no segundo tudo não passa de reflexo condicionado. Num deles o objeto está ausente; no outro, é apenas o gatilho ocasional que dispara uma reação do organismo. Amor sem objeto é contradição de termos.

É evidente que as pessoas, que usam a palavra “amor” nesse sentido elástico e abrangente, não têm a menor idéia do que estão falando, não percebem essas distinções. E, no entanto, estão aí falando sobre sexualidade, dando lições, às vezes, até em universidades.

A característica mais fundamental do desejo sexual é a tensão permanente entre o impulso interno de auto-satisfação orgânica e a busca do objeto externo, o foco que o limita e ao mesmo tempo o intensifica.

Não são a mesma coisa o sujeito ter uma excitação geral e vaga e ele desejar uma pessoa determinada. Ao se fixar numa pessoa determinada, o desejo está ao mesmo tempo limitado na sua abrangência, mas intensificado na sua força.

No primeiro nível [a do puro desejo orgânico], a satisfação deve ser obtida da maneira mais rápida, material e direta possível [ou seja, é uma tensão orgânica da qual você quer se livrar]. Mas o sexo é um impulso imanente que busca transcender-se. (...)

O sexo tem sempre isso. É uma coisa que é para a nossa satisfação, mas que ao mesmo tempo busca um objeto que o atraia e o desperte. Então é uma imanência que está continuamente buscando se transcender.

(...) Do segundo nível em diante, a satisfação é adiada cada vez mais, em vista de um acréscimo de qualidade.

Por exemplo, se um sujeito se sentiu barbaramente atraído por uma moça que ele viu numa festa, ele poderia perfeitamente ir ao banheiro, masturbar-se um pouquinho, gozar e se acalmar. Mas ele pode não fazer isso, porque talvez ele não queira apenas aquela descarga do primeiro nível, e sim possuir aquela pessoa. Isso é um pouco mais complicado e implica o adiamento da satisfação. É um adiamento que visa a um acréscimo de qualidade. Ele estaria querendo uma experiência mais diferenciada qualitativamente. Por isso ele poderia esperar até sair com aquela moça, em vez de sair com qualquer outra, ou ir ao banheiro.

Nos dois primeiros níveis, é tudo fisiologia, nada mais. Nos níveis III e IV, o objeto é definido pela imaginação estética. Nos níveis V e VI o estético é transcendido pelo impulso moral: generosidade, proteção, compreensão, amparo, carinho etc.

Todos os outros níveis continuam presentes no último nível. O desejo orgânico, o reflexo condicionado, a atração estética, tudo isso está englobado por ele, mas vai sendo, por assim dizer, afinado e refinado em função de exigências que vão tornando a experiência sexual humanamente mais rica, mais complexa e mais digna de ser lembrada.

Essa diferenciação de níveis é característica do ser humano, estando ausente em todas as demais espécies animais. (...)

Simplesmente não há isso nas espécies animais — essa progressiva especificação.

(...) Ela é a sexualidade propriamente humana. Nesse sentido, a escalada que vai desde a necessidade orgânica até as expressões mais elevadas do amor altruísta é a via normal e portanto normativa da vida sexual humana. (...)

E ela é um dos elementos pelos quais se pode reconhecer mais claramente a maturidade, ou imaturidade, de uma pessoa.

(...) Mesmo aqueles que não são capazes de diferenciar claramente os seis níveis têm uma vaga antevisão deles⁸, como o prova o fato de que condenam as condutas sexuais egoístas (...)

Por exemplo, se um sujeito seduz uma moça, transa com ela e a abandona, todo mundo acha isso feio. Se não houvesse essa escalada progressiva — que vai desde o puramente orgânico até a moralidade —, não teria motivo para se considerar errado caso alguém abandonasse a sua parceira sexual. Não se poderia considerar errado nem mesmo um estupro. Porque a busca da satisfação interna está no estupro, assim como a atração por um objeto. Mas é apenas um objeto visto como “coisa”, como um aspecto de algo. E aliado a tudo isso está o total desrespeito pelo estatuto humano da outra pessoa. Se não existisse essa escalada, se a norma da sexualidade humana não fosse essa, não teria como condenar um estupro por ser errado, pois se tornaria algo natural. O estupro seria tão natural quanto qualquer outra coisa, já que existe no reino animal.

Jane Goodall, a famosa zoóloga, foi contratada por um dos grandes biólogos americanos para observar certas tribos de macacos durante um certo tempo e fazer um relatório objetivo sem nenhuma teoria — para só contar o que aconteceu. E ela descobriu que, longe da idéia da harmonia natural, entre os animais havia infanticídio, assassinato, estupro, guerras tribais. Então tudo isso já está presente desde o início e é inteiramente natural. Pedofilia, por exemplo, é inteiramente natural, pois está entre os macacos. Eles fazem isso. Mas é somente natural para os macacos. É a sexualidade do macaco, não é a sexualidade humana. A sexualidade humana é definida por essa escalada, essa é a verdadeira experiência erótica humana.

Um exemplo especialmente deprimente de sexologia infantilizada nos é fornecido pelos “formadores de opinião” que definem a pedofilia como “uma forma de amor”. Um professor de filosofia que diz que a pedofilia é “amor”, como fazem os srs. Clovis de Barros e Paulo Ghiraldelli, está obviamente desqualificado para o exercício de tão séria atividade intelectual.

Não por ter dito uma imoralidade. Há imoralidades que são filosoficamente valiosas (as obras de Nietzsche estão cheias⁹ delas). Nem por ter feito apologia do crime. Ele pode ter dito o que disse com puro intuito teorizante, em tese, sem [nenhum] desejo de incentivar [portanto, não cabe acusá-los disso]. Está desqualificado por manifesta incapacidade de fazer uma distinção fenomenológica elementar.

⁸ No artigo publicado o vocábulo “deles” foi substituído pelo vocábulo “disso”.

⁹ No artigo publicado o vocábulo “cheias” foi substituído pelo vocábulo “repletas”.

A pedofilia, pela sua estrutura mesma, nunca pode ser amor a uma pessoa, porque é fixação simbólica na sua imaturidade, isto é, numa situação cronológica passageira. As crianças crescem, tornam-se adultas e perdem interesse para o pedófilo, que tem de buscar novos objetos de prazer na mesma faixa etária dos anteriores.

Por definição, a fixação erótica numa circunstância externa não é amor a uma pessoa [é “amor” por uma coisa, por uma situação, por um estado de coisas]. Na nossa escala, a pedofilia, como o fetichismo ou o sadomasoquismo, está no nível II (...)

Quer dizer, é um certo aspecto secundário que atrai o indivíduo, o qual fica fixado nele. A pessoa humana que está por trás desse aspecto não importa muito para o indivíduo atraído por ele.

(...) – embora a convivência entre o pedófilo e sua vítima possa despertar secundariamente algum tipo de emoção amorosa, pelo menos unilateral, como¹⁰ Rudi van Dantzig documentou muito claramente no seu pungente depoimento *For a Lost Soldier* (The Gay Men’s Press, 1996).

É um bom livro. É um sujeito que, quando era pequeno, na Holanda, tinha uns soldados estacionados na cidadezinha, e um soldado o seduz, transa com ele etc. Ele fica mortalmente apaixonado pelo soldado, o qual desaparece de repente e nunca mais dá nem um telefonema. E passados quarenta anos ele recorda aquilo e vê que ainda tem amor pelo soldado. Ele tinha amor pelo soldado, mas o soldado não tinha nenhum amor por ele. O soldado era pedófilo. Então se desenvolve essa emoção amorosa unilateral. Isso é sempre possível. Mas é claro que a pedofilia em si não tem nada a ver com amor. Fizeram até um filme disso. O filme é bonito, porém se fica revoltado ao assistir e ver a paixão que Dantzig parece ter sentido pelo soldado, apesar de o soldado tê-lo feito de idiota.

Qualquer primeiranista de filosofia, ou melhor, qualquer cidadão inteligente sem treino filosófico, tem de ser capaz de fazer essa distinção quase instintivamente. (...)

Faz-se isso, às vezes, sem poder expressar em palavras. Mas tudo o que eu disse aqui, no fundo, todo mundo sabe. Porque isso é a experiência humana. Nem todo mundo sabe meditar a respeito disso, conceptualizá-lo, expressá-lo verbalmente, mas todos vivenciam isso.

(...) Outro exemplo de puerilismo é o clamor gayzista pela legalização do “casamento gay” sob a alegação de “igualdade de direitos” [aqui a coisa chega quase num paroxismo].

As leis do matrimônio civil ou religioso não foram feitas para proteger, exaltar e fomentar o sexo heterossexual, mas,¹¹ ao contrário, para moderar, controlar e disciplinar a sua prática, às vezes drasticamente.

Se existe uma lei de casamento, então o sexo só é legítimo nas condições dessa lei. Se o sujeito se casou com Maria, ele não tem direito de sair comendo Joana, que é a mulher do vizinho, e assim por diante. Então o sexo é limitado, só pode ser feito com uma pessoa específica. As sanções que a sociedade impõe aos violadores dessa lei variam muito de sociedade para sociedade. Mas, no mínimo, as pessoas falam mal do sujeito que não a obedece.

¹⁰ No texto publicado no diário do comércio, foi adicionado, após o vocábulo “como”, os vocábulos “o ativista homossexual”.

¹¹ No texto publicado no diário do comércio, foi adicionado, após o vocábulo “mas”, o vocábulo “bem” após a vírgula.

A proposta do “casamento gay”, ao contrário, visa a legitimizar, a tornar respeitável e inatacável a homossexualidade em todas as suas formas e versões, inclusive grupais, obscenas, ofensivas e públicas como aquelas da Parada Gay.

É o caso de perguntar ao sr. Jean Wyllis se ele quer o casamento gay para limitar a prática homossexual, de modo que cada um só poderia transar com um homem enquanto estivesse casado com ele. Se for para isso que ele quer, a lei vai proibir tudo isso que os gays estão fazendo. Então, os meios de propaganda que eles usam para lutar pelo casamento gay contradizem a noção mesma de casamento. Eles querem o casamento gay para fazer uma suruba no Jardim do Trianon, ou na Praça da República, ou na Praia de Copacabana, e ninguém poder falar mal disso. Quem viesse a falar mal disso seria condenado como homofóbico.

O casamento tal como a sociedade o conhece há milênios é uma autolimitação voluntária do impulso heterossexual, em vista de valores mais altos.

Então a pessoa subordina a prática heterossexual a outro valor externo ao sexo que considera mais alto: a ordem social, a salvação da alma, o respeito aos outros, ou algum outro. Não é isso o que o casamento gay quer, mas exatamente o contrário disso.

O casamento gay, ao contrário, é um salvo conduto para que uma classe de pessoas tenha um direito ilimitado aos prazeres sexuais que bem deseje¹², livre das limitações legais e morais que pesam sobre o restante da espécie humana.

Assim, não se pode falar de igualdade de direitos. O meu casamento só me dá o direito de transar com uma pessoa, e o dos gays, de transar com a humanidade inteira — até com as crianças, se eles quiserem isso.

(Não deixa de ser deprimentemente irônico que, numa época em que tanto se discute “maioridade penal”, esta mesma noção tenha se reduzido a uma formalidade cronológica totalmente esvaziada de qualquer referência aos traços substantivos que constituem a maioridade psicológica e moral, sem os quais ela não faz o menor sentido.)

Existe maioridade — e menoridade — legal, porque se supõe que, antes de uma certa idade, a pessoa não está preparada para o exercício de determinadas funções na sociedade. Isso quer dizer que a maioridade legal — e, portanto, a maioridade penal — depende de um fator substantivo que não é nem legal, nem moral, mas um fenômeno psico-fisiológico e objetivo, a maturidade.

Se existe algo como a noção de “maioridade legal”, é porque obviamente o exercício de determinadas funções na sociedade – a começar pela mais geral e disseminada, a “cidadania” – requer a maioridade substantiva, a maturidade da alma e do espírito, da qual a maioridade legal não é senão um sinal convencional de reconhecimento.

Confundir as coisas com os sinais de reconhecimento é o supra-sumo do pensamento metonímico. Por exemplo, um diploma universitário não é prova de que o sujeito conheça alguma coisa, mas é um sinal de reconhecimento de que ele tem o direito de agir como se conhecesse — é somente isso, não diz nada a respeito do conhecimento. Já o conhecimento, ver-se-á na prática. O Brasil é um país que tem desprezo pelo conhecimento, mas que procura obter ao mesmo tempo um diploma. Quer dizer, não se quer o conhecimento, mas apenas o sinal exterior de reconhecimento dele.

¹² No texto publicado no diário do comércio, foi adicionado, após o vocábulo “deseje”, os vocábulos “da maneira e no local que bem entenda”, com uma vírgula no início e outra ao final.

Para ir para a cama com uma mulher, você não precisa amá-la, só precisa dizer que a ama. Ela sabe que você está mentindo, mas ela se contenta com isso. Esse é um sinal de depressão. Quando você se contenta com o símbolo exterior convencional, em vez da coisa propriamente dita, é porque já desistiu da coisa simbolizada por ele.

Não obstante, desaparecida do cenário mental a noção da maioridade substantiva, o exercício de altas funções sociais se tornou compatível com a mais rasteira imaturidade psicológica. Pessoas como os srs. Clovis de Barros, Paulo Ghiraldelli, Jean Wyllis¹³ e similares são aqueles que denomino “sexólogos mirins”: crianças crescidas que dão lições de moral aos adultos.

Um critério elementar e patente de maturidade é a atitude do cidadão para com seus próprios impulsos sexuais.

Um ser humano maduro, equilibrado e saudável não hesitará em pensar, falar e agir contra os seus mais óbvios interesses sexuais, em nome de valores que lhe pareçam mais altos. (...)

Na verdade, faz-se isso o tempo todo. O homem casado está permanentemente renunciando a centenas de milhares de mulheres que ele vê, sobre as quais ele não tem direito, porque não são a mulher dele. Em nome do direito, da moralidade pública e da harmonia entre as pessoas, ele abdica de todas as mulheres do mundo, menos uma.

Mas a essência da ideologia gayzista consiste precisamente em colocar o desejo homoerótico acima de todos os valores reais, possíveis ou¹⁴ imagináveis. (...)

Ou seja, para essa ideologia, não há limitação legítima, não há sequer o direito à expressão de desagrado (como dizer “eu não gosto disso”). Se alguém disser “não gosto disso”, ele é um criminoso, um homofóbico etc. Portanto, segundo ela, o desejo homoerótico subjuga, subordina, todos os demais valores que constituem a ordem social. Ele é o valor supremo e único.

(...) Por isso é que digo: um homossexual pode ser uma pessoa madura, equilibrada e saudável. Um gayzista, nunca. (...)

Na hora em que o sujeito aderiu a isso, ele regrediu na ordem da maturação de uma maneira absolutamente formidável. Ele está colocando o seu próprio impulso orgânico como se fosse o valor supremo, ao qual tudo o mais tem de se subordinar.

(...) E é por isso que os gayzistas não respeitam nada nem ninguém. Eles simplesmente não podem fazê-lo sem ter de abdicar do princípio mais básico da sua ideologia.

É quase impossível um gayzista entender isso, pois para tanto precisaria reconhecer que sua pretensão de mando é incomparavelmente maior que a dos mais empedernidos machistas conservadores e que o que ele deseja não é a “igualdade de direitos” e sim a mais cínica e prepotente desigualdade, que um adulto normalmente desenvolvido jamais exigiria.

Portanto, a ideologia gay é, em si mesma, uma reivindicação pueril de onipotência e uma prova de imaturidade psicológica. Se o sujeito defender isso uma vez na vida, quer dizer que ele não estava percebendo as coisas direito; agora, se ele passou a vida defendendo isso, ele se fixou na sua imaturidade e a esteve impondo como se fosse uma norma para toda a sociedade.

¹³ No texto publicado no diário do comércio, foi adicionado, após o vocábulo “Wyllis”, os vocábulos “Gregório Duvivier”, precedido de vírgula.

¹⁴ No artigo publicado o vocábulo “ou” foi substituído pelo vocábulo “e”.

Numa sociedade saudável, os adultos mal desenvolvidos e imaturos permanecem nas camadas mais baixas da hierarquia social, onde podem fazer relativamente pouco dano às demais pessoas. A principal característica de uma sociedade doente é a ascensão de almas imaturas e atrofiadas aos postos mais altos, de onde podem impor o seu subdesenvolvimento moral e emocional como padrão normativo para uma sociedade inteira.

Não é possível corrigir os males sociais mais graves sem expelir¹⁵ essas pessoas dos postos que usupartoriamente ocupam¹⁶.

Essas pessoas começaram a subir a esses postos na sociedade muito antes que o PT subisse à Presidência. Foi um processo de trinta anos. A imaturidade se revela na atitude do sujeito perante o sexo, mas existem outros sintomas também: como, por exemplo, o fato de o sujeito achar que a opinião dele, pelo simples fato de ser dele, tem tanto direito de ser exposta em público e ser respeitada, quanto as das pessoas que estudaram o assunto seriamente durante muito tempo.

Nessa semana mesmo apareceu Frei Betto dizendo que o crescimento das igrejas evangélicas é o ovo da serpente, que isso prepara “um nazismo”. Mas o caminho do nazismo nunca foi aberto por um crescimento da propaganda cristã. Isso nunca aconteceu. Isso só existe na imaginação dele. Toda a historiografia do universo mostra que não foi assim. Ele não conhece nada disso, mas é a opinião dele, uma analogia que ele fez. Então é uma criança que pode dizer qualquer coisa, que não tem responsabilidade alguma. Isso não é desonestidade intelectual, isso é imaturidade, falta de desenvolvimento humano. Desonestidade intelectual é quando o sujeito arma uma treta sabendo que é treta. Esse homem realmente não sabe isso. É presunção de onipotência infantil querer que uma opinião que tirou do nada, do seu próprio *wishful thinking*, do seu próprio desejo, seja respeitada. Pode-se até respeitar o direito de ter uma opinião, mas respeitar essa opinião não é possível. Para respeitar essa opinião, é preciso desrespeitar todo o conhecimento humano. E, no entanto, esse tipo de reivindicação se tornou uma coisa normal e natural.

Quando se vê essas pessoas de mente disforme, como Clóvis de Barros e Paulo Ghiraldelli, tendo audiência, defendendo que a pedofilia é uma forma de amor como qualquer outra, deve-se questionar como é possível que um sujeito com treino filosófico seja incapaz de distinguir entre o amor a uma pessoa e a atração por um aspecto da pessoa. Por exemplo, o sujeito pode ter uma fixação num aspecto material da pessoa, como a sua idade, a sua raça, ou o tamanho do bumbum — ou a fixação num traço secundário qualquer. Isso não tem absolutamente nada a ver com amor, isso é reflexo condicionado. Uma pessoa incapaz de fazer essa distinção se tornou professor de filosofia, porque o professor dele era assim e a faculdade dele inteira também é assim.

Esse é o problema fundamental do Brasil. Foram trinta anos de preparação que permitiram essa situação, que chegasse à Presidência uma senhora semi-analfabeta, tatibitate, incapaz de falar, que só faz os brasileiros passarem vergonha. Então resolver a coisa na esfera política primeiro é impossível. A sociedade foi longamente preparada para a situação presente. É claro que as pessoas têm de agir politicamente, mas tem toda uma retaguarda moral, psicológica e cultural que tem de ser cuidada imediatamente. Todos nós aqui estamos fazendo o possível, mas ainda falta muito. As pessoas dizem que a educação brasileira está muito ruim. Mas a

¹⁵ No artigo publicado o vocábulo “expelir” foi substituído pelo vocábulo “devolver”

¹⁶ No artigo publicado os vocábulos “dos postos que usupartoriamente ocupam” foram substituídos pelos vocábulos “ao anonimato do qual jamais deveriam ter saído”.

primeira educação brasileira que está ruim é a educação doméstica. A maior parte das pessoas não recebeu educação doméstica suficiente.

Por exemplo, a maior parte dos brasileiros que conheço, que vêm aqui, são pessoas boas, mas não está preparada para entender que as suas ações afetam a vida alheia, ou seja, não tem percepção periférica da sua própria situação no espaço. Quer dizer, faz coisas que prejudicam os outros sem nem perceber. Isso é falta de educação doméstica. Ninguém chamou a atenção deles para isso, ninguém mostrou que as coisas têm causa e efeito. Não adianta querer consertar a educação universitária. De certo modo cada um tem de começar a consertar a si mesmo nesse aspecto, decidindo se tornar uma pessoa mais completa. “Mais completa” quer dizer “mais consciente de si mesmo”. Consciência significa uma limitação, mas significa também um acréscimo de poder. Quando mais você é capaz de dirigir as suas ações de maneira racional, em vista de certos fins, tendo em vista o quadro completo e os efeitos que aquilo vai desencadear em volta, o seu poder também aumenta muito. Você vai ter mais responsabilidade, “mais carga nas suas costas”, mas ao mesmo tempo vai ter mais poder. Então cabe a você escolher entre crescer e ser sempre uma criancinha.

Vê-se inumeráveis atitudes que aparecem na sociedade brasileira, como, por exemplo, as pessoas que se recusam a se defender, porque acham que os outros têm a obrigação de fazê-lo. Eu acho a coisa mais imoral você dizer que não vai ter uma arma em casa, porque pode chamar a polícia. O policial não é um sujeito que é pago para morrer no seu lugar, para defender a sua família e não a dele. Se alguém invadir a casa dele, ele não pode chamar outro policial, que chamará outro policial, e assim por diante. Esse é um raciocínio pueril. Todo ser humano adulto tem obrigação de ser capaz de defender a si mesmo e a sua família. Existem, claro, limitações físicas — as pessoas envelhecem, ficam fracas etc. —, mas inventaram as armas justamente para isso. É claro que o nosso problema começa na esfera cultural. Porém, quando falo “cultura”, não estou falando das instituições de cultura, e sim no sentido antropológico da coisa: hábitos e costumes já profundamente arraigados.

Muito obrigado. Até semana que vem.

Transcrição: Jussara Reis de Abreu

Revisão: Wellington Camargo dos Santos